

¿Te animás a bajar el volumen? Formas de realização de pedidos e ordens convencionalmente indiretos no português brasileiro e no espanhol uruguaio em contextos específicos[□]

Luzia Schalkoski Dias - FACINTER e Elena Godoi - UFPR

1 Introdução

A partir dos anos 80, começa a haver um crescente interesse pelo estudo intercultural de diferentes atos de fala, sendo os “pedidos” um dos atos mais estudados em diferentes línguas/culturas. Em parte, tal interesse tem origem na necessidade de se testar empiricamente as teorizações em torno aos atos de fala (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969), que postulavam que tais atos operam por princípios pragmáticos universais.

Por ser um tipo de ato diretivo pelo qual o falante tenta conseguir que o ouvinte realize alguma ação, um pedido envolve sempre alguma imposição sobre o outro (BROWN e LEVINSON, 1987). Com isso, a fim de minimizar tal imposição e resguardar as imagens sociais dos participantes de um evento comunicativo, os falantes tendem a recorrer a diferentes estratégias linguísticas, que, na perspectiva da teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), são estratégias de polidez. Assim, a indiretividade convencional, ou seja, a formulação do pedido\ordem como uma pergunta, é uma dessas estratégias. Ao invés de dizer “Abaixa o volume da TV”, o falante pode questionar o interlocutor sobre certas condições preparatórias, como “Você pode(ria) abaixar o volume da TV”? ou, no espanhol, *¿Te molesta(ría) bajar el volumen de la tele?*

Considerando-se que um pedido pode ser formulado de forma mais ou menos direta, segundo fatores contextuais, como o grau de familiaridade e o poder relativo existente entre os interlocutores, a indiretividade convencional tem sido apontada como a principal estratégia de realização de pedidos em línguas bastante diferentes, como o inglês, o alemão, o francês e o hebraico, entre outras, (BLUM-KULKA, et al., 1989). Posto que em nossos dados seu uso foi também predominante, o presente estudo tem como objetivo: (a) caracterizar os pedidos\ordens convencionalmente indiretos; (b) identificar os procedimentos linguísticos empregados por curitibanos e

montevideanos na realização da indiretividade convencional e (c) analisar as diferenças e semelhanças no uso de tais procedimentos pelos dois grupos culturais.

2 Metodologia e material de análise

Seguindo a tradição de pesquisa em pragmática intercultural e interlinguística (ver BLUM-KULKA et al., 1989), nossos dados foram obtidos por meio de questionários escritos (*Discourse-Completion Test – DCT*). Tal método consiste em completar diálogos, em que um dos turnos é omitido, com as palavras que o participante supostamente usaria em um intercâmbio natural. O *DCT* tem se mostrado viável para estudos contrastivos, uma vez que permite a coleta de dados paralelos em contextos específicos, com o relativo controle de variáveis como o grau de familiaridade e o *status* relativo entre falante e ouvinte. Lembramos, entretanto, conforme apontado em Dias e Godoi (2009), que os dados obtidos por meio de questionários não devem ser vistos como uma amostra de discurso autêntico, mas como representativos das percepções e crenças dos falantes sobre a adequação do discurso em diferentes situações.

Os dados do presente estudo foram produzidos por 128 estudantes universitários, 72 da região de Curitiba e 56 de Montevideu. Analisou-se um total de 690 pedidos/ordens convencionalmente indiretos: 381 no português curitibano e 309 no espanhol montevideano. Utilizamos 14 contextos de interação, dos quais 04 são adaptações dos contextos utilizados por Ballesteros (2001; 2002) e Godoi (2007). Remetemos a Dias e Godoi (2009) para uma descrição detalhada da metodologia e dos contextos utilizados na elaboração do nosso *DCT*.

3 Caracterização dos pedidos convencionalmente indiretos

As convenções que governam a interpretação no caso da indiretividade convencional baseiam-se nas convenções da língua e nas convenções pragmalinguísticas, que incluem as convenções da forma e as convenções do significado, para a interpretação indireta. Segundo Blum-Kulka, (1989, p. 45), a “indiretividade convencional está associada à ambiguidade no nível do enunciado e caracteriza-se pela *dualidade pragmática*. O alcance da ambiguidade neste caso tende a limitar-se a duas interpretações específicas” [Tradução nossa, ênfase no original]. Segundo a autora, a indiretividade convencional possui as seguintes

características: a) **convencionalização de significados e formas** — as estratégias incluídas apresentam convencionalização tanto na escolha dos mecanismos semânticos quanto das formas linguísticas usadas; b) **dualidade pragmática** — a interpretação do enunciado como um pedido é parte do significado potencial da estratégia, juntamente com a interpretação literal e c) **negociabilidade** — potencialmente, os falantes podem negar e os ouvintes podem ignorar a força inerente de pedido nessas estratégias, assim, a força pragmática é primariamente negociável considerando-se a força de pedido *versus* a interpretação literal, de pergunta.

Conforme o exposto anteriormente, tem-se que o grau de convenção dos enunciados indiretos depende basicamente de dois fatores: o **significado** e a **forma**. Assim, as convenções de significado determinam o tipo de conteúdo semântico refletido nas estruturas que, de modo geral, são usadas como pedidos e ordens indiretos. As convenções de forma, por outro lado, especificam as unidades lexicais a serem utilizadas. Para exemplificar, o fato de que questionar a habilidade do interlocutor para realizar o ato solicitado seja considerado uma maneira indireta de fazer um pedido deve-se a uma convenção de significado. Porém, a validade exclusiva da forma “Você pode ...?” (*¿Puedes...? ¿Podés?*) como recurso padrão para referir-se a tal habilidade no português — assim como no espanhol — deve-se a uma convenção de forma. Considerando-se as **convenções de significado**, foram estabelecidos quatro subtipos de estratégias convencionalmente indiretas (BLUM-KULKA, 1989): a) referentes à habilidade do ouvinte para fazer *x*; b) referentes ao seu desejo e disposição para fazer *x*; c) relacionadas à não obviedade ou predição do ato requerido e d) em que sugere-se o ato por meio de fórmulas convencionalizadas.

A partir dos resultados apresentados na próxima seção, analisa-se as estratégias de indiretividade convencional usadas pelos informantes da pesquisa, buscando-se verificar o grau de afinidade ou variação interlinguística na escolha dos mecanismos linguísticos que proporcionam a indiretividade convencional na variante do português e do espanhol.

4 Resultados e análise da escolha dos procedimentos linguísticos de indiretividade convencional

Conforme a tabela seguinte, para cada um dos quatro subtipos de estratégias mencionados anteriormente, há um conjunto de possibilidades de convenção de forma, que podem coincidir, ou não, nas duas culturas.

Tabela 1 – Gramaticalização das estratégias convencionalmente indiretas

Convenção de significado		Convenção de forma	Total	%
a) Habilidade do destinatário	a1-P	Pode(ria) ...? Será que você poderia...?	228	59,84%
	a1-E	<i>¿Podés / Puede / podría(s) ...?</i>	131	42,26%
b) Desejo / disposição do destinatário	b1-P	Se importa(ria) / incomodaria ...?	1	0,26%
	b1-E	<i>¿Te/le molestaría...? ¿Te jode limpiar ...?</i>	8	2,58%
c) Não obviedade de realização do ato (predição)	b2-P	Gostaria de / quer ...?	0	0,00%
	b2-E	<i>¿Te gustaría...? / ¿Querés...?</i>	1	0,32%
	b3-P	-----	0	0,00%
	b3-E	<i>¿Te/se animá(s) a ...?</i>	74	23,87%
	b4-P	Faria ...? Me emprestaria ...?	5	1,31%
	b4-E	<i>Haría(s) ...?</i>	14	4,52%
	c1-P	Fará / faz ...? Você busca os ingredientes?	28	7,35%
	c1-E	<i>¿Harás / hacés ...? ¿Me traés pan?</i>	70	22,58%
	c2-P	Ser + possível fazer ...? Tem / teria como? Dá / daria pra ...? Será que você poderia...?	115	30,18%
	c2-E	<i>¿Ser + posible ...? ¿Existe / hay la posibilidad / chance de...?</i>	9	2,90%
c3-P	-----	0	0,00%	
c3-E	<i>¿Serían tan amables de..?</i>	3	0,97%	

d) Fórmulas sugestivas	d1-P	Por que não ...?	1	0,26%
	d1-E	-----	0	0,00%
	d2-P	Que tal fazer?	1	0,26%
	d2-E	-----	0	0,00%
	d3-P	É melhor você fazer ...	1	0,26%
	d3-E	-----	0	0,00%
	d4-P	Bem que você podia fazer ...	1	0,26%
	d4-E	-----	0	0,00%

* Legenda: Português curitibano (P) – Espanhol montevideano (E).

Apesar de haver os mesmos tipos de convenções de significado nas duas línguas, a tabela anterior demonstra que as convenções de forma sofrem variações e nem sempre coincidem. No português predominaram as estruturas **a1** (59,84%), seguidas das **c2** (30,18%) e das **c1** (7,35%). No espanhol, a estrutura **a1** também foi predominante (42,26%), seguida da **b3** (23,87%), da **c1** (22,58%) e da **b4** (4,52%). Vejamos o uso de cada uma dessas estruturas de forma mais detalhada.

a) De acordo com as porcentagens anteriores, a referência à **habilidade** do ouvinte é a categoria com maior semelhança em ambas variantes quanto a três dimensões: significado, forma e grau de convencionalização. O maior uso dessas unidades, tanto no *corpus* do português quanto do espanhol, pode ser atribuído ao fato de que elas mantêm um grande equilíbrio entre a interpretação literal e sua força de pedido/ordem. Além do uso normal das perífrases com o verbo modal “poder”, seguido da ação desejada,

- (1) Poderia fazer o favor de retirar o veículo daqui? (Q43R6)
- (2) ¿Podrías dejar de fumar? (Q85R7)

foi frequente, na variante do português, a ocorrência de tais perífrases antecidas por um marcador de possibilidade (36 ocorrências no total):

- (3) Será que você pode abaixar o volume da TV? (Q12R1).

Este é um caso curioso, posto que há a mescla de duas das estratégias baseadas na convenção de significado: a estratégia (a) pelo uso do verbo “poder” e a estratégia (c) pelo uso da estrutura “será que”. Neste caso, os enunciados foram computados duas vezes, como **a1** por fazer referência à habilidade do ouvinte para realizar o ato e como **c2** pelo caráter de não obviedade da realização do ato devido ao marcador de possibilidade epistêmica “**será que**”. A maior modalização dos enunciados que fazem referência à habilidade do ouvinte através do uso dessa estrutura aparece apenas nos dados do português e pode ser um indicativo da percepção dos informantes de maior necessidade de atenuação ao optar-se por questionar tal habilidade.

b) Quanto às estruturas que fazem **referência ao desejo ou à disposição do ouvinte** de realizar determinado ato, os procedimentos são bem variados, com maior diversidade e quantidade de uso dessas estruturas no espanhol. A começar pela **b1**, com uma única ocorrência no português (Será que você se importa de me emprestar? (Q53R10)). No espanhol, além das perguntas com o verbo *molestar*, que equivale semanticamente ao nosso “incomodar-se/importar-se”, aparecem formas como:

- (4) ¿Te jode limpiar un poco? (Q116R3)
- (5) ¿Te jodo si te pido un segundo tu lapicera? (Q125R14)

Não encontramos exemplos das estruturas **b2** e **b3** no *corpus* curitibano, embora a **b2** seja uma estrutura possível na realização de pedidos no português, em enunciados como “Você (não) quer fazer um café pra mim?”. Enquanto a forma **b2** foi pouco produtiva no espanhol, com apenas um exemplo,

- (6) ¿No querés ir vos? (Q74R11),

a **b3** mostrou-se bastante produtiva na variante uruguaia, sendo a segunda subestratégia mais utilizada, com 23,87%. Preferiu-se seu uso naquelas situações em que havia igualdade de poder entre os interlocutores ou quando o ouvinte estava em posição de menor poder social, não importando o grau de distância existente eles:

- (7) ¿Te animás a bajar el volumen? (Q125R1)
- (8) He... ¿Te animás a apagar el cigarro o a ir a fumar afuera? (Q104R7)
- (9) ¿Te animás a desviar por acá? (Q84R13)

É interessante notar que no português a estrutura “você se anima a ...?” até pode aparecer em um pedido indireto (“Você se anima a fazer aquele bolo de chocolate para as crianças?”), porém seu uso parece estar mais convencionalizado para fazer convites, como em: “Você se anima a escrever um artigo comigo?”, “Estou pensando em fazer aquela viagem, você se anima?”. A última estrutura pertencente a este grupo, a **b4**, constitui um grupo de transição, por isso está marcada na tabela com linhas pontilhadas. Tal estrutura é vista como relacionada, simultaneamente, à volição e à predição (BLUM-KULKA, 1989, p. 55). Isto porque há uma certa indeterminação intrínseca às formas no futuro do pretérito (excluídos os usos anteriores, com o verbo “poder” e os verbos volitivos) que permitiria ambas interpretações em contexto, como nos exemplos seguintes:

- (10) (...) faria a gentileza de trazer alguns pães quando voltar? (Q51R8)
- (11) (...) ¿no me prestarías la lapicera un segundito? (Q115R14)

c) Fazem parte do terceiro grupo as estruturas que fazem **referência à não obviedade** e à realização futura do ato por parte do ouvinte. Quanto à estrutura **c1**, a terceira mais utilizada pelos dois grupos, usa-se uma forma interrogativa que reflete a não obviedade de cumprimento de determinada ação:

- (12) (...) você irá devolver os textos antes da prova? (Q44R2)
- (13) ¿Tendrás algo que me quede? (Q116R10)

No grupo **c2** estão reunidas aquelas estruturas que fazem referência, mais ou menos explícita, à possibilidade de realização do ato pelo destinatário. Enquanto este foi o segundo tipo de estrutura mais utilizado no português, com 30,18%, a variante uruguaia teve somente 2,90% de uso. Conforme os exemplos seguintes, a coincidência interlinguística no uso desta categoria ocorre apenas em relação à estrutura “ser + possível/*posible*”. Enquanto no português recorre-se mais aos marcadores de modalidade referentes à possibilidade epistêmica (Será que? Dá

pra? Teria como? Será que teria como?), no espanhol parece que é a menção explícita à *posibilidad/chance* que está mais convencionalizada nas estruturas referentes à não obviedade, como em (18), (19) e (20):

- (14) (...) será que você me emprestaria uma blusinha, ... (Q3R10).
- (15) Dá pra você arrumar a cozinha, ...(Q18R3)
- (16) Será que teria como o senhor adiantar meu salário esse mês? (Q8R9)
- (17) Será que é possível eu receber meu adiantamento hoje, ... (Q24R9)
- (18) (...) ¿existe chance de que me den un vale antes? (Q81R9)
- (19) ¿Existe la posibilidad de adelantar el vale? (Q110R9)
- (20) ¿Sería posible un adelanto para el 15? (Q89R9)

Com respeito à estrutura **c3** (¿*sería tan amable...?*), seu uso está convencionalizado no espanhol, como demonstra o exemplo (21), porém não encontramos equivalentes no português. Como comenta Ballesteros (1999, p. 165), por ser uma estrutura com a força ilocucionária muito transparente, apesar de ser formalmente mais polida devido à fórmula de amabilidade, é mais coerciva e diminui a opção de negar o pedido presente nas formas **c1** e **c2**.

- (21) (...) ¿sería tan amable de mover el coche? (Q117 R6)

d) O quarto e último grupo, por sua vez, reúne fórmulas sugestivas convencionalizadas, as quais ocorreram exclusivamente no português, ainda que em porcentagens ínfimas.

- (22) (...) pq não limpa!! (Q49R3)
- (23) (...) que tal passar na padaria e trazer uns pãezinhos??? (Q8R8)
- (24) (...) melhor você apagar seu cigarro antes que alguém veja ... (Q8R7)
- (25) Bem que você podia ir na mercearia pra mim agora né ... Q48 R11)

Posto que quanto mais convencional for um pedido maior será seu grau de transparência ilocucionária e que nas fórmulas sugestivas a força ilocucionária é evidenciada, o uso de tais fórmulas predomina nas situações em que há proximidade entre os interlocutores, em que expressar-se abertamente seja

socialmente aceitável ou não represente grandes riscos para as imagens sociais dos participantes.

5 Considerações finais

Tendo em vista os resultados anteriores, pode-se dizer que o fenômeno da convencionalização de certas estruturas usadas para realizar pedidos e ordens indiretos não é transferível nas duas línguas. Considerando que é possível haver uma coincidência total quanto às convenções de significado, verificou-se que o mesmo não ocorre em relação às convenções de forma dos *corpora* analisados. Essa conclusão coincide com os resultados de estudos como os de Blum-Kulka (1989) e Ballesteros (1999), nos quais as subestratégias de indiretividade convencional também variaram em algum grau nas convenções de forma. Tais resultados levam à conclusão de que uma verdadeira equivalência pragmática entre as formas é rara. Vale lembrar, entretanto, que, tanto nos referidos estudos quanto no nosso, perguntar sobre habilidade do destinatário utilizando-se o verbo “poder”, e suas variantes, constitui a estratégia mais usual, sendo empregada nas mais diferentes situações. Por outro lado, estruturas como as fórmulas sugestivas, devido a sua coloquialidade e também sua transparência ilocucionária, têm seu contexto de uso limitado, sendo usadas preferencialmente em situações em que há proximidade social entre os participantes. No caso deste estudo, o uso das fórmulas sugestivas também foi limitado pela língua, ocorrendo apenas na variante do português.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. (1962): *How to Do Things with Words*. Cambridge: Harvard University Press.
- BALLESTEROS MARTÍN, F. J. (1999): *La cortesía verbal: análisis pragmático-lingüístico de las exhortaciones impositivas en inglés y en español: el ruego y el mandado*. Tesis doctoral – Departamento de Filología Inglesa, Universidad Complutense de Madrid. Acesso disponível em: <http://eprints.ucm.es/tesis/19972000/H/3/H3052801.pdf>. Acessado em 20/06/2010.
- _____ (2001): La cortesía española frente a la cortesía inglesa. Estudio pragmalingüístico de las exhortaciones impositivas. Em: *Estudios Ingleses de la Universidad Complutense*, N° 9, p. 171-207.
- _____ (2002): Mecanismos de atenuación en español e inglés. Implicaciones pragmáticas en la cortesía. Em: *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, N° 11. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/circulo/no11/ballesteros.htm>. Acessado em 20/06/2010.
- BLUM-KULKA, S. (1989). Playing it safe: the role of conventionalaty in indirectness. Requests and Apologies, p. 37-70. Norwood, NJ: Ablex.
- _____ (1999). Cross-Cultural Pragmatics.

- BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J.; KASPER, G. (eds.) (1989): *Cross-cultural pragmatics: requests and apologies*. Norwood, NJ: Ablex.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. (1987): *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge University Press.
- DIAS, L. S.; GODOI, E. (2009): Pragmática e polidez: mecanismos linguísticos de atenuação usados na realização de pedidos. Em: *XIX SEMINÁRIO DE CELLIP. Pesquisa em Língua e Cultura na América Latina*. Cascavel: Unioeste.
- GODOI, E. (2007): Las estrategias pragmáticas de atenuación e imposición en algunas variantes de español y portugués. Em: *VII CONGRESO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS DEL DISCURSO ALED. HORIZONTES DE SENTIDO, 1*. Bogotá.
- SEARLE, J. R. (1981 [1969]): *Os atos de fala – um ensaio de Filosofia da Linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina.